



ÍNDIGO

Cobras em compota

Leitor fluente — 6º e 7º anos do Ensino Fundamental;
Leitor crítico (8º e 9º anos do Ensino Fundamental)

PROJETO DE LEITURA

Elaboração: Luísa Nóbrega
Coordenação: Maria José Nóbrega



Árvores e tempo de leitura

MARIA JOSÉ NÓBREGA

*O que é, o que é,
Uma árvore bem frondosa
Doze galhos, simplesmente
Cada galho, trinta frutas
Com vinte e quatro sementes?*¹

Enigmas e adivinhas convidam à decifração: “trouxeste a chave?”.

Encaremos o desafio: trata-se de uma árvore bem frondosa, que tem doze galhos, que têm trinta frutas, que têm vinte e quatro sementes: cada verso introduz uma nova informação que se encaixa na anterior.

Quantos galhos tem a árvore frondosa? Quantas frutas tem cada galho? Quantas sementes tem cada fruta? A resposta a cada uma dessas questões não revela o enigma. Se for familiarizado com charadas, o leitor sabe que nem sempre uma árvore é uma árvore, um galho é um galho, uma fruta é uma fruta, uma semente é uma semente... Traíçoeira, a árvore frondosa agita seus galhos, entorpecenos com o aroma das frutas, intriga-nos com as possibilidades ocultas nas sementes.

O que é, o que é?

Apegar-se apenas às palavras, às vezes, é deixar escapar o sentido que se insinua nas ramagens, mas que não está ali.

Que árvore é essa? Símbolo da vida, ao mesmo tempo que se alonga num percurso vertical rumo ao céu, mergulha suas raízes na terra. Cíclica, despe-se das folhas, abre-se em flores, que escondem frutos, que protegem sementes, que ocultam *coisas futuras*.

“Decifra-me ou te devoro.”

Qual a resposta? Vamos a ela: os anos, que se desdobram em meses, que se aceleram em dias, que escorrem em horas.

Alegórica árvore do tempo...

A adivinha que lemos, como todo e qualquer texto, inscreve-se, necessariamente, em um gênero socialmente construído e tem, portanto, uma relação com a exterioridade que determina as leituras possíveis. O espaço da interpretação é regulado tanto pela organização do próprio texto quanto pela memória interdiscursiva, que é social, histórica e cultural. Em lugar de pensar que a cada texto corresponde uma única leitura, é preferível pensar que há tensão entre uma leitura unívoca e outra dialógica.

Um texto sempre se relaciona com outros produzidos antes ou depois dele: não há como ler fora de uma perspectiva interdiscursiva.

Retornemos à sombra da frondosa árvore — a árvore do tempo — e contemplemos outras árvores:

*Deus fez crescer do solo toda espécie de árvores formosas de ver e boas de comer, e a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore do conhecimento do bem e do mal. (...) E Deus deu ao homem este mandamento: “Podes comer de todas as árvores do jardim. Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, porque no dia em que dela comeres terás de morrer”.*²

Ah, essas árvores e esses frutos, o desejo de conhecer, tão caro ao ser humano...

Há o tempo das escrituras e o tempo da memória, e a leitura está no meio, no intervalo, no diálogo. Prática enraizada na experiência humana com a linguagem, a leitura é uma arte a ser compartilhada.

A compreensão de um texto resulta do resgate de muitos outros discursos por meio da memória. É preciso que os acontecimentos ou os saberes saiam do limbo e interajam com as palavras. Mas a memória não funciona como o disco rígido de um computador em que se salvam arquivos; é um espaço movediço, cheio de conflitos e deslocamentos.

Empregar estratégias de leitura e descobrir quais são as mais adequadas para uma determinada situação constituem um processo que, inicialmente, se produz como atividade externa. Depois, no plano das rela-

ções interpessoais e, progressivamente, como resultado de uma série de experiências, se transforma em um processo interno.

Somente com uma rica convivência com objetos culturais — em ações socioculturalmente determinadas e abertas à multiplicidade dos modos de ler, presentes nas diversas situações comunicativas — é que a leitura se converte em uma experiência significativa para os alunos. Porque ser leitor é inscrever-se em uma comunidade de leitores que discute os textos lidos, troca impressões e apresenta sugestões para novas leituras.

Trilhar novas veredas é o desafio; transformar a escola numa comunidade de leitores é o horizonte que vislumbramos.

Depende de nós.

¹ In *Meu livro de folclore*, Ricardo Azevedo, Editora Ática.

² *A Bíblia de Jerusalém*, Gênesis, capítulo 2, versículos 9 e 10, 16 e 17.

DESCRIÇÃO DO PROJETO DE LEITURA

UM POUCO SOBRE O AUTOR

Procuramos contextualizar o autor e sua obra no panorama da literatura brasileira para jovens e adultos.

RESENHA

Apresentamos uma síntese da obra para que o professor, antecipando a temática, o enredo e seu desenvolvimento, possa avaliar a pertinência da adoção, levando em conta as possibilidades e necessidades de seus alunos.

COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Apontamos alguns aspectos da obra, considerando as características do gênero a que

pertence, analisando a temática, a perspectiva com que é abordada, sua organização estrutural e certos recursos expressivos empregados pelo autor.

Com esses elementos, o professor irá identificar os conteúdos das diferentes áreas do conhecimento que poderão ser abordados, os temas que poderão ser discutidos e os recursos linguísticos que poderão ser explorados para ampliar a competência leitora e escritora dos alunos.

QUADRO-SÍNTESE

O quadro-síntese permite uma visualização rápida de alguns dados a respeito da obra e de seu tratamento didático: a indicação do gênero, das palavras-chave, das áreas e temas transversais envolvidos nas atividades propostas; sugestão de leitor presumido para a obra em questão.

Gênero:
Palavras-chave:
Áreas envolvidas:
Temas transversais:
Público-alvo:

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

a) antes da leitura

Os sentidos que atribuímos ao que se lê dependem, e muito, de nossas experiências anteriores em relação à temática explorada pelo texto, bem como de nossa familiaridade com a prática leitora. As atividades sugeridas neste item favorecem a ativação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão e interpretação do escrito.

- Explicitação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão do texto.
- Antecipação de conteúdos tratados no texto a partir da observação de indicadores como título da obra ou dos capítulos, capa, ilustração, informações presentes na quarta capa etc.
- Explicitação dos conteúdos da obra a partir dos indicadores observados.

b) durante a leitura

São apresentados alguns objetivos orientadores para a leitura, focalizando aspectos que auxiliem a construção dos sentidos do texto pelo leitor.

- Leitura global do texto.
- Caracterização da estrutura do texto.
- Identificação das articulações temporais e lógicas responsáveis pela coesão textual.
- Apreciação de recursos expressivos empregados pelo autor.

c) depois da leitura

São propostas atividades para permitir melhor compreensão e interpretação da obra, indicando, quando for o caso, a pesquisa de assuntos relacionados aos conteúdos das diversas áreas curriculares, bem como a reflexão a respeito de temas que permitam a inserção do aluno no debate de questões contemporâneas.

◆ nas tramas do texto

- Compreensão global do texto a partir de reprodução oral ou escrita do que foi lido ou de respostas a questões formuladas pelo professor em situação de leitura compartilhada.
- Apreciação dos recursos expressivos empregados na obra.
- Identificação e avaliação dos pontos de vista sustentados pelo autor.
- Discussão de diferentes pontos de vista e opiniões diante de questões polêmicas.
- Produção de outros textos verbais ou ainda de trabalhos que contemplem as diferentes linguagens artísticas: teatro, música, artes plástica, etc.

◆ nas telas do cinema

- Indicação de filmes, disponíveis em DVD, que tenham alguma articulação com a obra analisada, tanto em relação à temática como à estrutura composicional.

◆ nas ondas do som

- Indicação de obras musicais que tenham alguma relação com a temática ou estrutura da obra analisada.

◆ nos enredos do real

- Ampliação do trabalho para a pesquisa de informações complementares numa dimensão interdisciplinar.

DICAS DE LEITURA

Sugestões de outros livros relacionados de alguma maneira ao que está sendo lido, estimulando o desejo de enredar-se nas veredas literárias e ler mais:

- ▶ do mesmo autor;
- ▶ sobre o mesmo assunto e gênero;
- ▶ leitura de desafio.

Indicação de título que se imagina além do grau de autonomia do leitor virtual da obra analisada, com a finalidade de ampliar o horizonte de expectativas do aluno-leitor, encaminhando-o para a literatura adulta.

ÍNDIGO

Cobras em compota

Leitor fluente — 6º e 7º anos do Ensino Fundamental;
Leitor crítico (8º e 9º anos do Ensino Fundamental)

UM POUCO SOBRE A AUTORA

Índigo é o pseudônimo de Ana Cristina Ayer de Oliveira, nascida em Campinas em 29 de agosto de 1971. Durante boa parte de sua vida, estudou na escola Dom Barreto, um colégio católico em sua cidade-natal, que não lhe deixou muito boas lembranças. Formou-se em jornalismo pela Universidade do Estado de Minnesota, nos Estados Unidos, conhecida também como Mankato, porém nunca exerceu a profissão por falta de interesse naquilo que ela costuma chamar de “informações reais, objetivas e factuais”. O pseudônimo surgiu logo que ela começou a publicar seus contos na Internet, em 1998. Alguns anos depois, em 2001, deixou a agência

de publicidade onde trabalhava para se dedicar inteiramente à carreira literária.

Começou de modo inusitado, distribuindo pela cidade de São Paulo 500 cartazes que diziam “Contrate uma Escritora/Originalidade Garantida”. A jogada funcionou e Índigo começou a receber vários convites de trabalho, como para fazer vinhetas para a MTV, roteiros de animação para o Cinemágico da Disney e curtas-metragens. Em pouco tempo, já estava sendo entrevistada pelo apresentador Jô Soares. Em 2005, começou a escrever contos no caderno de temática infantil da *Folha de S.Paulo*, a Folhinha, afirmando, assim, sua preferência pelas crianças. Em 2006, o Ministério da Educação concedeu a ela o prêmio *Literatura para Todos* pelo seu livro *Cobras em compota*.

RESENHA

Cobras em compota reúne um conjunto brilhante, inventivo e divertido de crônicas autobiográficas da autora. Os textos da primeira parte debruçam-se sobre os acontecimentos da sua infância; os da segunda, sobre os de sua “adultice”. Tanto em um quanto em outro período de tempo, de algum modo nos mantemos confinados, mas sempre é possível encontrar brechas para fugir de quando em quando.

A infância, tal como a autora nos apresenta, nada tem de um período adorável e idílico – é um tempo em que, vez ou outra, as palavras não saem, e a gente estrebucha, como faz uma minhoca; um universo cheio de perigos ameaçadores, desafios sobre-humanos e elementos sombrios. Assim, Índigo conta como teve o rosto arranhado por um gato justo um dia antes de sua primeira comunhão; como nunca mais esqueceu o gosto do sapo na boca, depois de cair na peça de um menino loiro de olhos azuis; como os móveis do quarto costumavam trocar de lugar antes que ela abrisse os olhos; como embrulhou um periquito morto em alumínio e colocou no freezer, como se essa fosse a atitude mais sensata do mundo; como nunca teve um ursinho de pelúcia e precisou conviver com os ataques súbitos e as tentativas de estrangulamento de um coelho raivoso, magoado pela rejeição.

Na vida adulta, porém, a narradora conta seus pesadelos recorrentes em que sua língua escapa e estrebucha no ralo depois de uma discussão com um editor ou crítico literário; dos sonhos em que a cabeça da gata Valentina aparece flutuante enquanto ela dorme enrodilhada a seus pés; de sua coleção de vidrinhos de perfume nos vãos dos tijolos; e de como terminou com o namorado quando ele apenas soltou uma interjeição *blasé* depois que ela relatou seu encontro com um pinguim decapitado enquanto andava pela praia. Embora se trate de uma narrativa realista, a maneira sempre imaginativa com que a narradora encara os fatos faz do mundo um lugar bastante fantástico e misterioso. Longe de seguir as normas do politicamente correto, a autora revela como o

universo infantil pode ser sombrio, instável, permeado por relações que muitas vezes são acompanhadas de uma boa dose de crueldade, às vezes algo arbitraria. Trata-se de uma obra interessante tanto para crianças quanto para adolescentes e adultos: é quase inevitável que, no momento da leitura, nos lembremos de situações semelhantes. E para que mais serve a literatura, senão para servir de alimento às minhocas da nossa cabeça?

QUADRO-SÍNTESE

Gênero: crônica.

Palavras-chave: infância, amadurecimento, família, amizade.

Área envolvida: Língua Portuguesa.

Temas transversais: Ética, Orientação Sexual.

Público-alvo: leitor fluente (6º e 7º anos do Ensino Fundamental); leitor crítico (8º e 9º anos do Ensino Fundamental).

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

Antes da leitura

1. Revele aos alunos o título do livro. Veja se a expressão “Cobras em compota” lhes traz à memória um laboratório de ciências.
2. Leia com eles o texto da quarta capa, que lhes permitirá fazer uma ideia mais precisa do conteúdo da obra.
3. Chame a atenção para a lúdica dedicatória do livro, *para o coelho raivoso*.
4. Mostre aos alunos o Sumário, chamando a atenção para o modo como muitos dos títulos apresentam uma curiosa combinação e/ou enumeração de seres, objetos e coisas de natureza distinta: “Gatos não são bola”, “Sapos no espeto”, “Abelhas, leões e paixões súbitas”, “Periquito verde e as pequenas psicopatas”, “Cavalos marinhos e pelos pubianos” e assim por diante.
5. Por fim, leia com os alunos a seção *Autora e Obra*, para que saibam um pouco mais a respeito do universo de Índigo. Estimule-os a visitar o seu site <http://livrosdaindigo.com.br/>. Chame especial atenção para a seção *blog*, em que a autora posta

constantemente algumas narrativas divididas em capítulos sequenciais.

6. Em uma das seções de seu *site*, a autora conta sua vida sinteticamente com a ajuda de uma malha visual, com imagens e textos sucintos. Proponha aos alunos que criem um gráfico/biografia semelhante, com os acontecimentos que consideram mais fundamentais de sua trajetória.

Durante a leitura

1. Embora algumas crônicas façam referência a personagens e/ou situações mencionadas em outras crônicas da antologia, os textos são independentes, assim, não precisam ser lidos na ordem em que se encontram dispostos no livro. A única coisa importante é começar pela leitura da introdução, que explica o sentido do título: a partir de então, deixe os alunos livres para guiarem-se pelo Sumário e começar pelos títulos que mais lhes atiçarem a curiosidade.

2. Diga a eles que procurem notar como a imaginação da narradora altera os acontecimentos, abrindo espaço para elementos fantásticos e/ou misteriosos.

3. Embora o livro esteja dividido em duas seções – *Infância* e *Adultice*, – muitas situações vividas pela autora durante a infância ainda causam impacto em sua vida adulta. Convide-os a observar esse aspecto.

4. Proponha que os alunos atentem para o modo como a autora cria efeitos de humor e ironia.

5. Estimule-os a prestar atenção nas ilustrações, procurando perceber a relação que existe entre texto e imagem.

Depois da leitura

1. Em *Pedaço de carne*, a autora conta como o episódio com os sapos fez com que se tornasse vegetariana, a despeito da falta de apoio da família, que renderia uma série de episódios um tanto escatológicos. Existe algum vegetariano ou vegetariana na turma? Alguém tem um vegetariano na família? Se sim, proponha que realize uma entrevista com a pessoa em questão, perguntando o que a levou a eliminar os animais de sua dieta.

2. No conto *Vinte dedinhos*, a narradora comenta: “Decorou as paredes do meu quarto com cartazes de filmes. Em cima da minha cama pregou um ET com o dedo aceso. À minha direita, um homem mascarado segurando uma serra elétrica. À minha esquerda, a Mia Farrow, que normalmente não me dava medo, mas nesse cartaz ela estava com cara de quem viu alguma coisa”. Proponha aos alunos que realizem uma pesquisa na internet e tentem encontrar três cartazes que poderiam ser aqueles que povoavam o quarto da narradora, servindo de amuletos para os perigos noturnos.

3. No conto *Minas e energia*, a narradora assusta Débora, sua melhor amiga, revelando-lhe sua suspeita de que talvez as coisas do mundo só existam enquanto a gente está olhando. Caso os alunos tenham 14 anos ou mais, assista a algumas passagens do filme *O show de Truman*, de Peter Weir, em que o protagonista vive sua vida sem saber que é na realidade o protagonista de um programa de televisão, e que as pessoas com quem convive são atores contratados seguindo um *script* escrito de antemão.

4. Em *A biblioteca silenciosa*, a autora conta como seu encontro com o livro *O escaravelho do diabo*, de Lúcia Machado de Almeida, inaugurou sua paixão pela literatura e sua relação assídua com a biblioteca. Estimule os alunos a procurar o livro em questão na biblioteca do colégio.

5. Traga para ler com a turma o conto *Felicidade clandestina*, de Clarice Lispector, em que a autora nos conta a sua relação apaixonada com um livro, cujo empréstimo era repetidas vezes adiado por uma amiga um tanto sádica. O conto se encontra em um livro de contos homônimo, publicado pela editora Rocco.

6. Proponha aos alunos que tentem se lembrar de um sonho que tiveram, ou de um episódio marcante, assustador ou curioso de suas vidas, e escrevam uma pequena crônica a respeito, inspirando-se nos textos de Índigo.

DICAS DE LEITURA

► da mesma autora

A maldição da moleira. São Paulo: Moderna.

A saga animal. São Paulo: Moderna.

O colapso dos bibelôs. São Paulo: Moderna.

Cartas encantadas. São Paulo: Brinque Book.

► do mesmo gênero

Transplante de menina, de Tatiana Belinky. São Paulo: Moderna.

Quando eu era pequena, de Adélia Prado. Rio de Janeiro: Record.

O livro da primeira vez, de Otavio Frias Filho. São Paulo: Cosac e Naify.

Os olhos cegos dos cavalos loucos, de Ignácio de Loyola Brandão. São Paulo: Moderna.